

RECADO DE PARIS

PARIS, julho — "The Times" recordou, na semana passada, um dos momentos mais curiosos da vida parlamentar inglesa — há exatamente um século atrás. Tudo começa com uma história de Judas. Como ainda hoje acontece no Brasil, era hábito em Atenas, em meados do século passado, malhar e queimar o bonéco do Judas no sábado de Aleiua. No Brasil isso é apenas uma festa alegre em que a garotada se diverte e os sujeitos que têm a veia satírica aproveitam para escrever o Testamento do Judas em intenção dos vizinhos. Em Atenas parece que a malhação do Judas tinha um certo caráter de manifestação anti-semita. Não era apenas o Judas, era o judeu em geral que se malhava pelas ruas — pelo menos em símbolo — como se, de todos os apóstolos do Mestre, apenas Judas fosse judeu.

O fato é que há um século atrás o barão de Rothschild passava a Semana Santa em Atenas; e em homenagem ao famoso milionário judeu, o rei da Grécia proibiu que se queimasse o Judas. O povo não gostou da coisa e se entregou a várias manifestações anti-semitas. Uma delas consistia em invadir a casa de um judeu português, Dão Pacifico. Esse Dão Pacifico era um homem de 63 anos, comerciante, que tinha sido cônsul de Portugal em Marrocos e depois em Atenas. Mas parece que ele fazia negócios demais, e sua fama não era boa: acabou demitido pelo governo português. O pessoal que invadiu sua casa saqueou seus bens e arrebentou várias coisas. Por sinal que Dão Pacifico aproveitou essa desgraça para dizer que tinha em casa 665.450 drachmas em apólices portuguesas — quando mais tarde ficou apurado que ele não tinha nem 4 mil...

Pois bem: foi por causa desse homem que a Inglaterra tôda-poderosa mobilizou sua esquadra, e com 15 vasos de guerra bloqueou o Pireu. É que na hora do apêto, Dão Pacifico lembrou-se que nascera em Gibraltar, e por isso podia ser considerado um súdito britânico. Como o governo grego não ligou muita importância ao protesto feito pelo embaixador inglês, e esse caso vinha depois de outros pequenos incidentes semelhantes, a coisa estourou. A situação internacional ficou tensa, o embaixador da França em Londres foi chamado a Paris, o czar das Rússias mandou uma nota zangada e a oposição inglesa resolveu aproveitar o incidente para derrubar o governo.

⊙ ~~Filippi~~

mais de
130 anos

RN 384

hou volta de
1850

FLU

A Câmara dos Lords

aprovou uma moção de censura à política exterior. Quando o caso chegou à Câmara dos Comuns, em junho de 1850, os debates duraram nada menos de quatro noites. O ministro Palmerton falou desde as 9,45 da noite até 2,20 da manhã; para fazer seu discurso consultou nada menos de 2.000 livros do arquivo do Foreign Office. Disraeli, Gladstone, Gobden, Roebuck e Robert Peel, além de vinte e dois outros deputados tomaram parte nesse debate que, a propósito de Dão Pacifico, pôs no fogo as mais graves questões de direito internacional e mesmo do direito institucional inglês. Contra tese de Palmerston, segundo a qual, em qualquer situação e em qualquer parte do mundo o súdito britânico, como o antigo cidadão romano, tinha atrás de si o olho vigilante e o braço poderoso de sua Pátria, Gladstone se erguia para dizer que era pelo direito e não pela força que deveriam ser resolvidos os problemas internacionais. Robert Peel — que nesse dia fez o último discurso de sua vida — fez também uma oração pacifista que "The Times" — hoje, como há cem anos atrás, contra Palmerston e a favor de seus oponentes — considera como "sua última contribuição para a educação deste país".

O Inglês daqueles tempos tinha, em relação aos outros povos do mundo, um sentimento de "incomensurável superioridade". Um século depois — escreve "The Times" — nós chamaríamos a isso de presunção.

Que uma presunção idêntica — digamos nós, por nossa vez — não cegue em 1950 nenhum povo da terra, para que, de repente, algum pequeno incidente de um Dão Pacifico não leve à morte milhões e milhões de criaturas humanas.

5/7/50

R. B.

Hoje em dia
escreve

hoje

1986
1850
—
36